

A corporeidade e a relacionalidade do ser humano

Felismar Manoel*

RESUMO

Após uma breve revisão sobre a noção do corpo na história, este artigo faz uma reflexão sobre o atual conceito de corporeidade e sua apropriação para a compreensão da pessoa e da abordagem relacional na terapia física, através da postura corporal.

ABSTRACT

After a brief review of the notion of the body in the history, this article reflects the actual concept of the corporeity and its appropriation in order to understand the person and the relational focus in the physical therapy through the body's posture.

Palavras-chave:

Corpo na história,
Corporeidade e pessoa,
corporeidade e abordagem
relacional, abordagem
relacional e terapia física.

Key words: *Body in the history, corporeity and person, corporeity and relational focus, relational focus and physical therapy.*

* Mestre em Motricidade Humana, pela Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, RJ.

Endereço para correspondência:
Felismar Manoel

Estrada das Amendoeiras, 248 - Capivari
25243-420 - Duque de Caxias, RJ - tel.: (21) 676-3799

Da noção de corpo à corporeidade através da história

Introdução

Objetiva o presente texto discorrer sobre as diversas noções de corpo ocorridas no desenvolver da história do homem e refletir sobre o conceito de corporeidade dentro da Ciência da Motricidade Humana, sua adequação para o entendimento do tornar-se pessoa e para compreender a pessoa do cliente enquanto co-sujeito na abordagem relacional da terapia física, mediatizada pela postura corporal, enquanto conduta motora.

Nas mitologias

Embora seja difícil discorrer sobre o homem e seu corpo no período mitológico, de um modo geral, em virtude da existência de diversas mitologias e de possuírem as mesmas detalhes próprios diferenciados, é possível encontrar, entretanto, alguns elementos que são comuns à grande parte das mesmas. Verifica-se, por exemplo, a noção de uma certa morfologia transicional entre os deuses, os homens e os animais, através da qual um deus pode assumir a forma humana ou animal, bem como o homem ser elevado ao perfil, ou às qualidades da divindade, em consequência de seus atos de bravura ou heroísmo. Há ainda a possibilidade da divindade unir-se com o humano em conjugação carnal, através da instrumentalidade corporal, originando uma estirpe humano-divina [1]. É possível essa morfologia transicional, porque nessas elaborações o corpo é entendido como parte da natureza, onde todos estão integrados.

Na mitologia yoruba, de certo modo presente na cultura brasileira pela colaboração dos escravos e pelos cultos afro-brasileiros, existem aspectos sobre o corpo humano dignos de reflexão e análise. Admitem que a vida

se expressa em dois planos da realidade, sendo um desses planos o *àye*, onde a vida se manifesta enquanto carne, no nível das operações concretas, e o outro é o *òrun* onde a vida reina enquanto essência, no nível das operações abstratas. Crêem na possibilidade de interação e permutas entre os dois planos, para que a existência seja perfeita, pois no *àye* os seres têm um corpo vitalizado pelo *èjè* que se traduz no sangue e na seiva, enquanto no *òrun* existe o *àse* que possui a lei, o comando, a instrução e a ordem. Embora tudo dependa de *Olodumaré*, enquanto Senhor do Destino Supremo, todas as coisas estão entregues aos *orisas* para um governo especializado junto aos homens. E é graças ao modo de sua manifestação corporal no *àye*, que o homem pode comunicar-se com o seu *orisa* e receber dele orientação, pois embora esse esteja no *òrun*, ele interage na natureza e em suas diversas manifestações, podendo também, fazer-se subjacente no inconsciente do homem e manifestar-se enquanto conduta motora diferenciada, identificando-se e fazendo identificar-se, mediante a motilidade corporal, em motricidade reveladora, nas danças próprias de cada *orisa*, que possuem os sinais da sua identidade e idiosincrasia [2,3,4].

Na antigüidade

A cultura ocidental tem sua origem nas grandes cidades gregas e o homem grego sabia dar ao corpo um lugar de eleição, nos estádios, nas artes, ou nos lugares de culto, embora sua ideologia reserve o corpo para o mundo da corrupção, do efêmero e do ilusório [5].

Na filosofia antiga o homem aparece como um ente dual, constituído por dois momentos, que correspondem a dois modos de ser, que excedem o próprio homem. Essa dualidade expressa nos conceitos corpo-alma, distingue no ser corpóreo a multiplicidade, a contrariedade e corrupção, e no ser divino, que tem como predicado a imutabilidade e a permanência, simbolizado nos astros incorruptíveis e brilhantes. Entretanto o homem não é dois entes ou duas dimensões isoladas. O homem está incluído nas duas ordens, com efetiva distinção, por isso em posição intermediária, pois possui uma referência ao mundo cósmico, as coisas e ao mesmo tempo ao humano e social. O mundo do homem é duplo,

constituindo essa duplicidade a sua constituição ontológica [6].

Na era medieval

No ocidente medieval, o corpo serve para o peregrinar do homem na terra, exposto a servidão e sacrifícios e tratado como algo desprezível e mortal, que devia ser combatido em favor da alma imortal. Este tratamento dado ao corpo no passado, repercute de forma negativa na atual abordagem da corporeidade. Ainda impera uma certa visão de corpo “negado”, como “prisão da alma”, ou reificado como “instrumento de guerra”, “máquina de trabalho”, excluindo a sua utilização prazerosa, sendo dominado pela fé ou pela razão [6].

Na contemporaneidade

Vê-se que no decurso da história o corpo humano tem sido diferenciadamente percebido, via de regra de modo depreciativo ou reducionista, sendo reificado e negado na filosofia medieval, seccionado e depreciado na filosofia moderna, para ser resgatado, finalmente, na filosofia contemporânea.

Embora vários autores tenham se ocupado deste resgate do corpo, como Nietzsche (1844-1900) e Gabriel Marcel (1889-1973), foi Merleau Ponty (1908-1961) o principal responsável na filosofia contemporânea, pela busca do ser indivisivo e transcendente, a partir de um levantamento crítico dos conceitos ou preconceitos filosóficos e científicos, principalmente a partir de seu livro *Fenomenologia da percepção* [7]. Isto não significa dizer que houve um resgate total, ao nível dos valores culturais vigentes, pois o dualismo cartesiano e os valores religiosos tradicionais estão fortemente impregnados em nossa cultura. As áreas de estudos que lidam diretamente com o corpo, ainda não assimilaram satisfatoriamente a idéia do homem indiviso e concreto, na conceituação de que o homem não tem um corpo, mas que o homem é um corpo [6].

É interessante a contribuição que as práticas psicomotoras também trouxeram a atual definição do homem enquanto corpo, com seus conceitos operacionais de corpo próprio, corpo sutil, corpo hábil, corpo consciente, corpo significante, pois em realidade são práticas confirmadoras dessa unidade homem [8], que se faz num ser-no-mundo através da

corporeidade, realizando os seus projetos mediante a motricidade, pois ela supõe um ser não especializado e carente, relacional pois que aberto ao mundo, aos outros e à transcendência e portanto um ser prático, que procura encontrar e produzir o que na complexidade lhe permite a unidade e a realização, com acesso a uma experiência englobante, enquanto agente e criador da cultura, pois é no intrinsecamente cultural que o homem pode viver e sobreviver [9].

Da noção de corporeidade e do conceito de pessoa

Conforme se delinea linhas atrás, vê-se que o corpo humano foi alvo de diversos enfoques no decorrer da história e que foi abordado operacionalmente, sob diversos ângulos, pelos cientistas e profissionais que têm no corpo o seu objeto de estudo e intervenção. Entretanto, somente a partir da noção da corporeidade é que se tem um enfoque conciliador com a idéia integral do ser, pois entende-se por corporeidade a condição de presença, participação e significação do homem no mundo, emergindo dessa corporeidade é que surge a motricidade, como sinal de quem está-no-mundo-para-alguma-coisa, como um projeto, inaugurando um sentido através do corpo [9]. Em verdade já em Le Boulch [10], encontra-se a necessidade de um novo modelo que permitisse explicar as diversas condutas motoras do homem, enquanto intencionalidades operantes e portanto portadoras de sentido, com uma historicidade que passa pela evolução filogenética e pela elaboração ontogenética, essa influenciada pelo meio físico, cultural e social [11]. Entretanto essas diversas condutas motoras do homem são também, elas mesmas, as que exercem as intervenções nesses mesmos meios, criando a cultura em suas diversidades de manifestações, onde se realiza e se projeta, na singularidade da pessoa a complexidade de seu ser [9]. Pois é graças a corporeidade que o ser se faz pessoa, pela sua existência incorporada (existência encarnada), lançando-se em relação contínua para fora de si, na problemática do mundo e na luta do homem,

transcendendo a natureza, à qual ele conhece e transforma, estando aberto em direção ao mundo mediante a comunicação, empenhando-se com dinamismo na realização da utopia de sua unidade pressentida, ocupando o seu lugar significativo no universo das pessoas e podendo desenvolver o exercício da sua liberdade [12]. É absolutamente peculiar ao ser do homem, com relação ao ser das outras coisas do mundo, que, não obstante a sua clausura ontológica, não obstante à sua força individual, ele conserva uma extrema abertura intencional, tanto no conhecer quanto no querer, possibilitando toda sorte de comunicação com as coisas, com os outros e com Deus, corroborando na definição de pessoa, como um indivíduo dotado de autonomia quanto ao ser, de autoconsciência, de comunicação e de autotranscendência [13].

A corporeidade e a abordagem relacional da terapia física

Observa-se do exposto até aqui, que, a corporeidade como manifestação do ser-no-mundo, viabiliza a formação da pessoa e mediatiza, enquanto postura e portanto motricidade, a ação dos seus atributos constitutivos em uma atividade relacional, tanto no sentido autorrelacional como no sentido alorrelacional, pois desde a infância, já ao iniciar a organização do esquema corporal, começará também a fase relacional, com as sensações do próprio corpo e com os dados do mundo exterior e que evoluirá com a prática da exploração e da imitação [14]. Embora tenha uma evolução lenta durante a infância, o esquema corporal alcançará seu pleno desenvolvimento e elaboração definitiva na fase puberal, graças à tomada de consciência dos diferentes elementos corporais e ao controle de sua mobilidade, com vistas a motricidade, possibilitando as atividades autorrelacionais de relaxamento global e segmentar; da conquista de independência dos braços e pernas dissociado do tronco; do ganho de possibilidades de livre movimentos da direita com relação à esquerda e de domínio funcional dos diversos segmentos e elemen-

tos corporais. Por outro lado haverá a possibilidade de transposição do conhecimento de si ao conhecimento dos demais, que propiciará o desenvolvimento das atividades alorrelacionais, com o mundo exterior e com os outros, na conquista da sua autonomia; na adoção das atitudes cooperativas e do compartilhamento das responsabilidades com o adulto [15].

Na vida adulta, quando da adoção de condutas e comportamentos, é também graças à corporeidade e aos atributos da pessoa que poderão ser selecionados os determinantes cognitivos, afetivos e psicomotores que influenciarão na ação que se deseje no plano pessoal e social [16]. Pois a atitude do indivíduo em relação à vida, ou seu estilo pessoal, refletem-se no seu comportamento, em sua postura e no modo como se movimenta. Uma pessoa é a soma de suas experiências de vida, cada uma das quais é registrada na sua personalidade e estruturada em seu corpo [17]. Estes aspectos relacionais da pessoa, consigo mesma, com os outros, ou com o seu meio, quando inadequadamente elaborados, permitem formar um círculo vicioso, constituindo-se em fatores de patogenias do movimento humano, merecedoras de uma intervenção do fazer profissional terapêutico, pois na intencionalidade operante, constituída em prática profissional do fisioterapeuta, ou de outro profissional, ele deverá construir uma aliança terapêutica com o seu paciente, para a busca de corretos padrões corporais autorrelacionais, ou alorrelacionais [18].

Nos dias atuais, encontram-se disponíveis diversos recursos e técnicas de terapia física, para uma abordagem corporal autorrelacional, indo do treinamento energético, da cinesioterapia, da terapia funcional, até as cadeias ósteo-musculares ou outras, todas permitindo contemplar o amplo espectro da saúde do movimento [19]. No nível das atenções primárias da saúde do movimento, possibilita-se o desenvolvimento das atividades de promoção da saúde postural, ou do movimento otimizado e das atividades de manutenção da saúde do movimento ideal. No nível das atenções secundárias da saúde do movimento, vislumbra-se as possibilidades de atividades de prevenção específica das patologias hipocinéticas, ou dos agravos

seqüelares e do tratamento precoce das patologias cinético-pertinentes. No nível das atenções terciárias da saúde do movimento, oportuniza-se as atividades de reabilitação funcional, profissional ou de assistência custodial [20,21].

Também no campo da abordagem corporal alorrelacional, o leque de possibilidades de intervenção profissional, enfocando os aspectos biomecânicos e ergonômicos, são amplos, permitindo também contemplar as atenções primárias, secundárias e terciárias da saúde do movimento, buscando a otimização dos padrões relacionais do movimento, das atividades domésticas, de lazer e laborativas, da prevenção das posturas e movimentos inadequados, suas correções quando já instalados e o tratamento conveniente quando os danos já se fizerem presentes [22,21,23].

Conclusão

A visão de corporeidade que se encontra em Merleau Ponty (...) e os conseqüentes desdobramentos produzidos por Cunha (...), oferecem importantes subsídios para o entendimento da atual conceituação de pessoa humana e para a justificação da abordagem corporal relacional da terapia física, dentro da Ciência da Motricidade Humana, nos diversos níveis de preocupação com as ações de saúde do movimento humano, na atenção primária, secundária e terciária, permitindo que o fazer terapêutico, enquanto intencionalidade operante, possa intervir tanto nas operações autorrelacionais, quanto alorrelacionais, através da terapia física.

Referências

- 1 - Bastos P, As grandes mitologias do mundo, Rio de Janeiro, Brasil, Livraria Império, 1995.
- 2 - Verger PF, Orixás, Editora Currupio, Salvador, 1981.
- 3 - Fonseca Jr E, Dicionário yorubá-português, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1988.
- 4 - Crowther S, A dictionary of the yoruba

- language, Oxford University Press, London, 1980.
- 5 - Coste, JC, A psicomotricidade, 4ª ed., Guanabara-Koogan, Rio de Janeiro, 1992.
 - 6 - Beresford H, Texto manuscrito utilizado na disciplina Estatuto Epistemológico da Motricidade Humana U.C.B. Realengo, Rio de Janeiro, primeiro semestre de 1997.
 - 7 - Merleau-Ponty M, Fenomenologia da percepção, Martins Fontes, São Paulo, 1996.
 - 8 - Camus J, O corpo em discussão, Artes Médicas, Porto Alegre, 1986.
 - 9 - Cunha MSV, Para uma epistemologia da motricidade humana, 2ª ed., Compendium, Lisboa, 1994.
 - 10 - Boulch J, Hacia una ciencia del movimiento humano - Introducción a la Psicokinética, Paidós, Buenos Aires, 1978.
 - 11 - Fonseca V, Filogênese da motricidade - Abordagem bioantropológica do desenvolvimento humano, Edições 70, Lisboa, 1982.
 - 12 - Mounier E, Il personalismo, AVE, Roma, 1964.
 - 13 - Mondin B, O homem, quem é ele? Elementos da Antropologia Filosófica, Ed. Paulinas, São Paulo, 1980.
 - 14 - Ajuriaguerra J, Manual de psiquiatria infantil, 2ª Ed, Brasil, Manson, s/d.
 - 15 - Vayer P, El niño frente al mundo, Editorial Científico-Médica, España, 1973.
 - 16 - Rochon A, Educacion para la salud - Guia Práctica para Realizar um Proyecto, Masson, España, s/d.
 - 17 - Lowen A, Bioenergética, 7ª ed., Summus Editorial, São Paulo, 1982.
 - 18 - Spinsanti S, Aliança terapêutica, As dimensões da Saúde, Edições Paulinas, São Paulo, 1992.
 - 19 - Popov SN, La cultura física terapéutica, Editoriales Ráduga y Pueblo y Educacion, Moscu y Habana, 1988.
 - 20 - Denys-Struyf G, Cadeias musculares e articulares: O método G.D.S., Summus, São Paulo, 1995.
 - 21 - Botome & Rebellato, Fisioterapia no Brasil, Manole, São Paulo, 1987.
 - 22 - O'Sullivan SB, Schmitz TJ, Fisioterapia, avaliação e tratamento, 2ª ed., Ed. Manole, São Paulo, 1993.
 - 23 - Lida I, Ergonomia, projeto e produção, Blücher, São Paulo, 1992.

FISIOBRASIL parabeniza a Revista FISIOTERAPIA BRASIL pela sua primeira Edição!

Há anos que os fisioterapeutas brasileiros sonham em ter revistas de qualidade destinadas a publicação da produção científica nacional. Neste sentido, a nova Revista FISIOTERAPIA BRASIL vem preencher uma importante lacuna no campo da saúde em nosso país.

Apostando na seriedade, compromisso ético e rigor científico deste novo empreendimento, o Fisiobrasil, periódico técnico-científico mensal da profissão que há mais de 3 anos circula em todo país, representado na pessoa de seu diretor Dr. Fabio Batalha M. Barros firmou acordo de ampla cooperação com os Dr. Jean-Louis Peytavin e René Delpy, diretores da Fisioterapia Brasil.

A cooperação entre os dois periódicos irá permitir a presença comum em diversos

eventos, troca de informações, conteúdo editorial entre outras atividades. Desta forma o profissional terá acesso a mais informações e atualização científica e ainda contará com um veículo onde sua produção científica será publicada com fins de indexação.

Assine Fisioterapia Brasil e FISIOBRASIL, com isto você poderá contar com 12 edições do Fisiobrasil mais seis edições da Fisioterapia Brasil e ganha ainda de brinde um CD-ROM de fisioterapia. Mais informações pelos tel/fax: (21) 557-7304 ou 570-5665 e na internet nos sites www.atlanticaeditora.com.br ou em www.fisiobrasil.com.br.

